



Se abre puerta para nuevo espacio para escribir y debatir arte

FOI PERFORMANCE

Edson Barrus

“Perguntas? / E eu te respondo então / Quando amanhã chegar vou te esperar sorrindo / Pra te dizer feliz que te desejo tanto / Amanhã, quero te dar amor / Igual a uma rosa / Quando forte brilha / O sol.../ E eu te direi / Quase a meia voz / Que o Tempo desta noite que é só nossa e não demora a passar / Apaga essa luz / que tenho tanto amor pra te dar...”¹

E as pessoas vinham me dizer que viram Arthur Leandro cantando a toda altura num gurgel pelas ruas do Rio. Aparecia-sumindo feito vagalume sonoro.”

Nunca Fomos Tão Felizes!!! com esse enunciado Arthur chega no Rio de Janeiro vindo de 2 lugares: Macapá, onde dava aula, e de Belém, onde tinha vivido sua vida. Chegou falando do FotoAtiva, Caixa de Pandora, Flávyá Mutran, Miguel Chikaoka, fotonovelas de Walda Marques, a visualidade amazônica e muitas histórias da amazônia e da vida privada, inserindo em nossas vidas outros roteiros com o seu “quiu!” irônico. Eu já tinha vivido em Macapá, e isso e o brega também nos aproximou. Sorriso largo, vozona, quando ria, balançava todo o corpo; quando sentava para conversar, tirava os grossos anéis de prata dos 10 dedos e colocava-os todos sobre a mesa! Como a mãe, Maria do Socorro, a Louca, cantava Mercedes Sosa e “Ne me quitte pas” de ouvido. Arthur era culto, falava Nagô, politizado e nos aportava mundos maravilhosos, mas sem domínio das operações da arte contemporânea. E isso foi seu grande diferencial, por que não tinha isso foi seu grande ranços de aprendizados acadêmicos. E na Eba, estávamos em plena afirmação do recém criado mestrado de Linguagens Visuais, com exposições e publicações que nos colocava em evidência no circuito das artes carioca. No Galpão da Eba compartilhávamos ateliers e tínhamos aulas, o que nos proporcionava tempos em conversa. E depois ainda saímos para beber e conversar mais. No Centro de Artes Hélio Oiticica pudemos ver e debater obras de Luciano Fabro, Daniel Buren, Richard Serra, Anos 70 Brasil-Eua, As Cosmococas de Hélio Oiticica, as pinturas inéditas de Carlos Zílio e as últimas instalações de Lygia Pape. E o mestrado de Linguagens Visuais estava bem próximo de todos esses eventos e isso complementou da nossa formação.

“Salve Quem Tem Fé!” Em 1998 participamos da exposição Ubiquità – que acontecia simultaneamente no Museu Nacional de Belas Artes/ Rj e Casa Degli Artisti, em Milão. As 3 turmas de mestrado, trabalharam juntas para a exposição e esse processo nos uniu mais ainda. Em Ubiquità, apresentou «Mulheres a beira de um ataque de nervos», que era uma sequência de fotos da nudez de sua mãe e sua irmã, em situação cotidiana do universo familiar que é seu 1º trabalho e com o qual foi premiado. Fomos à Bienal de São Paulo onde conheci Orlando Maneschky, Cláudia Leão, Tadeu que são laços laços de afetos e de colaboração que perduram até hoje. Foi Orlando quem me ligou em Paris para dizer que uma pessoa que eu gosto muito... e caímos aos prantos antes dele concluir a frase. Trabalhamos juntos para a exposição

no Saguão da Uerj dentro do « Estética em questão : Il Colóquio Latino-Americano de Estética », com curadoria de Lygia Pape. Artur é da turma seguinte a minha, então tínhamos aulas no Galpão de Lygia Pape, Carlos Zílio ou Paulo Houayek, o qual foi posteriormente seu orientador e que ele muito admirava, e depois íamos almoçar juntos com a galera do mestrado.

Arthur frequentava o meu apartamento em Copacabana, Pré-Rés. Lembro dele acompanhado de Vogler e Luís Andrade na Infração de Marssares, em 11/11/1998. Ha exatos 20 anos, Marssares colocou todos os moveis no banheiro, instalou câmeras de vigilância na sala, impediu fotografias, distribuiu a imagem dele impressa em lsd aos presentes e desapareceu. Arthur me visitava cada vez mais, tanto ele como outros colegas da Eba. Nesse apartamento da Av. Nossa Senhora de Copacabana, nº 317 # 512, numa manhã qualquer da semana, Marssares, em mais uma infração, explodiu de surpresa um fumígeno de navegação que encheu de laranja todo o ambiente que fechamos e fomos para a praia respirar. A cor laranja transbordou as frestas de portas e janelas despertando a atenção de vizinhos que chamaram o corpo de bombeiros. A força desse trabalho de cor no espaço belíssimo propagou-se e rebote-se em outros trabalhos de forma que é difícil não ver filiações a esse trabalho de Marssares nas ações de Ducha no Cristo Redentor e de Artur Leandro, em uma postura de assalto corporal mais política. Como também, Fumacê, do Grupo Happax, e Nimbo//Oxalà, de Ronald Duarte, em uma realização mais lúdica e espetacularizada. Todos éramos artistas próximos, que nos frequentávamos. O fumígeno sinalizou a poética de transbordamento que vai se cristalizar bem depois, no Açúcar Invertido, mas que vinha se processando em trabalhos e eventos periféricos que se dissolviam na mata do Parque

Lage e na praia do Arpoador ; na distribuição de cartões sem informação que o Grupo Aonde Ação fez na inauguração do Metrô de Copacabana²; na diluição da imagem lisérgica de Marssares, RhR, Vivia21Cura, na Galeria do Poste, dentre tantos outros. É nesse período, que ele também participa do projeto RhR de desenhos de Laura Lima apresentado pela primeira vez no Paço das Artes/SP.

Morei com Arthur. Eu fui direto do apartamento de Copacabana para o apartamento dele em Vila Isabel, temporariamente enquanto eu encontrava um lugar para mim, era uma temporada-laboratório, onde aspirávamos ao grande labirinto de H.O, as Lígias... Ele estava em defesa de monografia de mestrado, eu já tinha terminado. Lá, em trânsito, conversávamos muito, mas muito mesmo, sobre vida e arte. Convesamos muito sobre a sua recusa ao sítio que herdou da avó porque foi desautorizado por familiar em uma orientação dada ao morador. Estudávamos as operações de desclassificação do informe³. Conversávamos sobre não objetos, Neoconcretismo, Barrio, Adorno, Benjamin, Deleuze, Recocificação, Hall Forster, Rosalind Kraus, Clement Greenberg e pré-socráticos. Tudo sobre-arte nos interessava, em meio a muita música brega e samba enredos de escolas de samba, que ele colocava bem alto e cantava de cor, e ainda nos contava a história, o ano e classificação desse samba enredo.

“É hoje o dia! Da alegria! E a tristeza! Nem pode pensar em chegar / diga espelho meu / se há na avenida alguém mais feliz que eu / diga espelho meu/ se há na avenida alguém mais feliz que eu !:)”

Ele chega com 2 fantasias, uma era para mim. Nos fatasíamos e fomos desfilar no sambódromo. E eu dizia, Arthur eu não vou sair, eu estou me achando ridículo! E ele: “Hélio Oiticica saiu. Bora!”. E eu, me equilibrando de bêbado: “se Hélio foi, en-

tão eu vou”. Ele sabia do meu apreço pelo Hélio e que mesmo bêbado aquela fala funcionaria. Ele estava super apaixonado por “Inominável” e fez o grande melodrama de saída do armário. Era tanto choro. Pois até o momento, Arthur era um moleção grande, era meio assexuado, tinha uma história complexa envolvendo um filho com Zezé, a irmã e a mãe, mas não ficava querendo comer todo mundo como ficou depois. Naturalmente a sexualidade vai transbordar para os trabalhos. Por ocasião de uma exposição coletiva de fotografos paraenses em Portugal, ouve uma questão por causa do volume das 12 camisas que Arthur propôs extrapolavam a intenção de somente levar fotos em papel na bagagem, mas o conteúdo das camisas também criou problemas, por tratar-se de paus, cus e buquetas.

Passional, tudo era muito intenso em suas confusões amorosas melodramáticas. A querela como matéria da arte. Contava-nos as estórias com riqueza de detalhes. E cantava e recitava as músicas em espanhol de filmes de Almodóvar “Teatro! Lo tuyo es puro teatro!” Dizia que a cultura musical de boleros dramáticos que tinha, originava-se na criação com a avó, e a do brega, provinha das empregadas domésticas. O registo da vida dele, da intimidade da mãe e irmã, da afirmação de sua outra família do candomblé ou a exposição da « felicidade » familiar em forma de questionamento. Circulo Privado, Esfera Pública integra essa série de trabalhos de publicização do íntimo ao modo Nan Goldin.

Fizemos macumba para trazer a pessoa amada em 24 horas e despachamos na mata, fizemos foto $\frac{3}{4}$ juntos e até assinamos um texticulo como “Edson Leandro e Arthur Barrus”. Morando com ele, eu conheci mais de perto a atriz, dançarina e fotógrafa Claudia Leão, o irmão policial, Alcer; Glória, a tia médica, Marinalva, a amiga faxineira,

e Socorro, a Louca! a mãe. Ou seja, entrei no “Circulo Privado, Esfera pública” de Arthur. Também fizemos o vídeo em que Claudia em vestido azul escuro cintilante curtinho, se atira numa cadeira, enredando-se nela ao som de *ne me quitte pas* cantado por Maysa: “O estranho é o objeto do desejo, como correr no campo minado sem ter noção do perigo”. Este vídeo que é considerado perdido, participou em 2000 da IV Mostra Competitiva Nacional do 7º Vitoria Cine Video/ES4. Nesse período, eu ocupava a sala de Vogler no atelier 247, enquanto ele estava no Porto. No Prêmio Transurb de Intervenções Urbanas em Santa Teresa (2000), decidimos coletivamente fechar o atelier 247 e fazer um trabalho sonoro na estação do Curvelo. Nessa intervenção, ele decidiu dormir trancado na estação do trem, e do exterior, só ouvia-se o ronco de Arthur. Ainda em 2000, ele mostrou 2 fotografias com o título “Duplopensar” na exposição coletiva Atelier Finep no Paço Imperial.

Em abril de 2000, 20 artistas do Atrocidades Maravilhosas ocupam a cidade do Rio com cartazes lambe-lambe e com uma mostra de abertura em uma exposição que reunia todos os cartazes em uma sala na Fundação Progresso em 6 de abril. Essa mostra vai abrir espaço para a realização futura do Zona Franca. Depois da dissertação de mestrado que é sobre a sua fotografia, a atividade fotográfica se rarefaz e Arthur começa a assumir uma postura mais aguerrida na própria produção poética. A estadia de Arthur no Rio teve um impacto muito grande na sua vida. Foi um acontecimento que abriu um mundo de possibilidades que ele buscou atualizar. Ele se misturou com outras coisas. Quando voltou do Rio tinha um posicionamento firme que não se apresentava antes, apesar da militância.

“Cão, estamos fazendo história!”, ele sempre me dizia feliz. Em setembro de 2000, Arthur me deixou

na casa do Ducha e foi pra Macapá à contra-gosto, por causa de suas obsessões de amor no Rio. Na inauguração do Zona Franca, a imagem publicada no Jornal O Globo de 16/4/2001, é dele na passeata/performance “É Greve” de Terence Dihel. No sepultamento de Paulo em 8 de janeiro de 2001 ; de repente no cemitério, o caixão entrando na cova, eu olho para trás e lá está Arthur. Aparecer e desaparecer repentinamente torna-se uma operação performática. Ainda em 2001, no Arte Pará, ele adentra o ambiente vestido inteiramente de plástico e, como Marssares, não se deixou fotografar. No Rés e nos eventos em geral, sempre se tem uma menção ao des-Aparecimento dele. Se Arthur estava no Unicacena? aquele que eu estava na banheira de leite ? ele esteve, mas como sempre, saiu sem deixar vestígios ; pelo que Cucco se lembra, ele deu uma passada rápida. Em Macapá, sentindo-se despotencializado e perseguido politicamente na universidade que ensinava, ele se compôs em Urucum, com Josaphat, Aog, Rômulo e Ronald Rone ; e participou ativamente da construção da 1ª Quarentena de Arte Açúcar Invertido, na Funarte/ Gustavo Capanema. O Urucum nessa quarentena teve grande ressonância.

“Desculpe o Transtorno, Estamos em Obras”. Da Amazônia, troxeram seis troncos de árvores, caídas por força das marés às margens do Rio Amazonas, localidade de Anauarapucu e que foram esfarelados com moto-serras nas dependências da Funarte-RJ de 7 de maio a 16 de junho 2002. Imagine um grupo de burocratas da cultura sentados em um salão discutindo o racionalismo nos trópicos, por ocasião do aniversário de morte de Lúcio Costa e o som de motosserras destruindo a pó as toras madeiras da Amazônia. Esse zunir insuportável no ouvido racional da arte. No 1º Açúcar Invertido ficou evidente a potência da nossa parceria. Pensado e desenvolvido com uma

antecedência de 3 meses, num processo cheio de papéis, que iam desde o pedido de permissão de coleta dos troncos no rio e empréstimo das motosserras, ao Ibama, até o transporte da madeira e do pessoal para o Rio de Janeiro. Grande sucesso! Em uma cultura que se vanteia de sua filiação formalista eurocêntrica, a destruição ruidosa é um alerta a essa racionalidade importada e destruidora de *habitats* naturais e diversidades. O Urucum volta para o Macapá com visibilidade. De lá, participa do Dia do Nada boiando no Rio Amazonas em 05/05/2003, um dia dedicado ao ócio, captaneado por Rubens Pileggi. Nesse Dia, Arthur agencia a participação do Urucum na ação e também do Grupo de Pesquisas em Poéticas Visuais da Unifap - criado por ele na universidade com monitores voluntários. E as ações do Urucum circulam como vídeo-performances. O grupo investiu no vídeo como suporte de registro e circulação das ações efêmeras e únicas: *Os Catadores de Orvalho Esperando a Felicidade Chegar*, 2001;⁵ *Desculpem o Transtorno, Estamos em Obras*, 2002; *Estamos em pleno rio-mar...doido espaço... estamos em pleno rio-mar...dois infinito*. 2003; *Mensagens Vazias*, 2003; *Divisória Imaginária*, 2003⁶; *Paus Mandados*, 2004; Espantando Urubus...⁷ No Norte, ele acolhia os amigos em trânsito, como relata Adriano Melhen: “Invadimos a casa do Arthur Leandro em Belém depois da viagem pela Amazônia. Depois de um mês no barco essa parada foi essencial para conseguirmos força e voltar para cidade grande. Até hoje não entendo como tinha espaço na casa dele, além dos 11, todas as nossas tralhas bateria, comidas, redes, painéis, jacaré, papagaio, tartaruga.... enfim, só um cara como Arthur para topar essa bagunça e ainda levar a gente para passear...”

Giordani Maia conta que a primeira vez que viu Arthur foi no Rés do Chão durante a intervenção

Cálculo de Massa, em 02/03/2002, do artista Rubens Pileggi. Era o segundo evento do Rés e quando chegou a porta, que geralmente encontrava-se aberta, estava fechada: “bati nela algumas vezes e uma voz de trovão surgiu de trás me perguntando: “QUAL É A SENHA!”. Sem entender me limitei a apenas indagar, “o que?”, e, novamente, “QUAL É A SENHA!”, meio sem jeito, meio sorrindo, meio não sei dizer como me sentia, apenas falei, “porra, não sei qual é a senha... Rés do chão?”, ouvi uma gargalhada e a porta abriu. Então estava eu ali de frente praquela cara barbudo e gigantesco (cabelos grandes e volumosos), um verdadeiro gigante. Com um pequeno sorriso no canto da boca, me olhou de cima abaixo com aquele olhar analítico que só quem o conheceu sabe do que estou falando, e me mandou entrar. Descendo as escadas do apartamento veio o Cão se adiantando para nos apresentar, sorrindo daquele jeito só dele, apenas falou: “Já nos apresentamos”. Nesse dia eu fiquei puto porque Arthur urinou na varanda pois o banheiro estava trancado por causa do trabalho do Rubens. Ele se tremia de rir.

As ações contecem em situações específicas e em ocasiões específicas. Em meados de 2003, vindo de Macapá para o Rio, em seu Gurgel com painelas, discos e livros, de Macapá. Antes ele passou em São Paulo para o Mídia Tática Brasil. Ele fazia parte da sala dos Rejeitados, organizada por Graziela Kunsch. Creio que foi aí que conheceu Giseli Vasconcelos que depois se tornaria parceira em Belém na formação do Aparelho, onde as operações práticas e teóricas do Rés vão ser conscientemente incorporadas. Foi o ano que ingressou no Doutorado do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da EBA-UFRJ. As aulas já havia começado, mas Artur tivera que voltar à Macapá por conta de assuntos burocráticos ligados ao colegiado da UNIFAP e agora vinha definitivamente

para o Rio. De São Paulo para o Rio, ele deu carona para Leo Galvão e Giordani. Diz que nesse regresso, adentraram numa tempestade de proporções homéricas no alto da Serra das Araras. Os três naquele carrinho já baleado pelos quilômetros e quilômetros de estrada em meio aquela torrente de água, trovões e relâmpagos. A cada clarão dos raios vindos do céu e aos estrondos dos trovões, Arthur bradava de volta: IANSÃ!

Quando voltou, em 2003, já estávamos no Rés do Chão, na rua Lavradio, 106/302, Lapa. No Rio, um vento soprava acontecimentos como arTTrainee, Zona Franca, Orlândia, Imaginário Periférico, Agora/Capacete, Galeria do Poste, Gentil Carioca, Espaço Laranjeiras, PhP, Gruposseis e tantos outros eventos em um momento de efervecência coletiva. Inclusive os Rejeitados, que combati fortemente a idéia e marcou a 1ª distinção conceitual entre o Rés enquanto processo coletivo de convívio experimental e os “coletivos como categoria” em busca de inserção institucional. Eu entendia que a inserção de um movimento tão recente nos conformava e nos despotencializava. Importava mais para mim a discussão em arte e não entrar A ou B. Eu percebia a despotencialização de uma força recém formada ainda, por pura ambição de inserção no circuito, mesmo na categoria ‘refugio’. Nessa ocasião, escrevi, a convite, um texto veemente para o Canal Contemporâneo, que pagou-me e não o publicou. Processo turbulento. Mesmo estando pelo Amapá, Arthur participou de muitos eventos com o Urucum mas aparecia de vez em quando pelo Rio e ia ficar a-gente. No Rés, ia para o grupo de estudos e as rodas de conversas, encontros e festas. Sempre chegava com litros de coca-cola e maços de cigarros, e outras coisas na mão. O Rés saciava sua necessidade de estar junto, de tomar as sopas ccc, de produzir e de pensar coisas junto... Tinha muita gente da

macumba no Rés; além dele, tinha Alexandre Sá, Amélia Sampaio, Tato... e quando Cucco tocava o berimbau e o Rés produzia-se em “mágica” que ressoa até hoje. “De repente, todo o mundo começava a cantar “tô nem aí, tô nem aí...” quase como um mantra? eu penso nessas coisas e me vem a sensação de uma outra urgência e emergência... coisas de sangue bom, malandragem... “Influenciei e fui influenciado (pelo Rés), contaminação!!!! Reconstrução constante de mim e do nós... Vida a deriva⁸... “. E ainda oferecia carona. Rizomático, circulava em diversos circuitos: em Copacabana, a casa da tia era certo reduto paraense. Frequentava os coleguinhas, tinha os rípongos e os naifes, ia pra macumba em Madureira e me chamava, tinha o bairro e a escola de samba de Santa Isabel, tinha Marinalva e tinha o Rés do chão na vida do Arthur, entre tantas outras confusões nortistas e cariocas.

Colóquio Resistências, 2002, Cinema Odeon e rua /// fomos convidados a atravessar o evento e ele chega um dia depois da performance “Com (a) Migo não se Blefa” de distribuição de fejoada e farofa para a platéia do colóquio, e isso, a chegada 1 dia após, até hoje todo mundo comenta. Isso é o força performática da presença de Arthur.

Do Rés saímos eu, ele e Cecília Cotrim pro Passeio do Parangolata. Em 05/04/2003. Arthur que não tava nem ai para autoria, assim como Maneschky já fazia, propôs no Rés um karaokê que chamou de Reunião Ministerial, e também participou da Discussão de estratégias de grupos, com os grupos Empreza, Urucum, e Phoder Paralelo, em 04/07/2003. Pelo Rés ele fez com Cecilia o jornal Capacete. Para se ter uma noção da dinâmica do Rés, às vezes, a cada semana, fazíamos eventos: 2º aniversário do Rés, 20/03/2004, Porque Deleuze? com Henrique Antoun, 27/03/2004, Acadêmicos do Tucupi: corpoNu cuTupi, 31/03/2004,

Pour Mayse, dezembro de 2004, Visita de Roger Brueguel, 12/12/2004, Reveillon, 05/01/2005, Rés entrevista Artur Barrio na Casa de Arthur – Santa Teresa, 07/01/2005. Todos esses eventos contêm Arthur Leandro.

E entre o Rés e doutorado ele forjou uma persona Tanto Faz ou Coisa Parecida, que incorporou a apropriação como operação estética e assim se assinava. “Se não tiver dono é meu, se disser que eu fiz, eu assumo. Se eu gosto eu me aproprio. Se eu gosto é meu.” Ele construiu essa persona diluída. Repetiu na Eba, por exemplo, o “trancamento” das pessoas no recinto em seguida ao acontecido no Rés. Que também era uma repetição da ação de Sandrigo Monteiro que aconteceu no Zona Franca, com pneus queimando e o povo desesperado trancado.

“Eu Não Faço Parte dessa Lama!” No debate que acontece no Mam-rj, eu escrevo esta frase em uma camisa e ele vai para o Mam e atira uma Nós para a platéia que cai no colo do organizador, que tinha me desconvidado do evento. Momento político tenso entre o Rés e o Circuito de Arte Brasileiro. Como grupo de pressão tínhamos tensionado em pontos que incomodaram o *establishment* que reagiu e age até hoje, de forma desproporcionalmente violenta, difamando trajetórias e cortando cabeças. Se as elites culturais brasileiras do início deste milênio reagiram dessa maneira com a proposição argumentada em diversos textos de uma arte relacional e informe, não é difícil supor que pulsões fascistas já se maquinavam nas nossas esferas institucionais incapazes de conviver com o diverso.

2003, Helmut Batista me convidou para desenvolver o jornal Capacete deZ[n+1]. Estávamos em plena preparação do Açúcar Invertido em NY, então Arthur e Cecília se encarregaram da realização do jornal que resultou na publicação do nosso processo cotidiano e desorganizado de se organizar.

“Vem, me mostra esse corpo / Que eu tanto desejo amor / Vem, me faça sentir / Do seu beijo molhado o sabor / Diga que eu sou o seu homem / E que nada existe melhor / Diga que ficar comigo / E que nunca mais me deixa só / Faça desta noite a mais linda / Pra que eu nunca possa esquecer / que eu vou me entregar de corpo e alma / Nos seus braços eu quero morrer, morrer/ Amor, amor, amor / Me abraçe Vem, me mostra esse corpo / Que eu tanto desejo amor / Vem, me faça sentir / Do seu beijo molhado o sabor / Diga que eu sou o seu homem / E que nada existe melhor / Diga que ficar comigo / E que nunca mais me deixa só / Faça desta noite a mais linda / Pra que eu nunca possa esquecer / que eu vou me entregar de corpo e alma / Nos seus braços eu quero morrer, morrer/ Amor, amor, amor / Me abraçe mais forte amor, amor/ Amor, amor, amor / Me beije e me sufoque de amor, amor...”⁹

Estamos no Brooklyn, às margens do rio Hudson e o brega saído das bicicletas sonoras do Urucum deslizando na neve era como se amornasse o terrível inverno nova iorquino. Performance delegada ao Rés como um Satélite! Estamos entre dezembro de 2003 e janeiro de 2004, Açúcar Invertido em NY 40 dias dentro e fora de um loft duplo em Point B. Além das bicicletas sonoras em Williamsburg, Arthur ficou com uma das 7 chaves do Rés no Rio e participou de quase ou todos os eventos detonados naquele satélite da quarentena: Bonde do Arreio/Gaspazzo por Carmem Riquelme Rádio O Inusitado, por Romano; Tertúlia, por Luíza Guimarães, Félix&Florzinha por Ricardo Basbaum e Daniela Mattos. a mãe, Maria do Socorro, a Louca, que estava compondo um Juri no Para de um crime bizarro, e sob a publicação constante de sua ideias por Arthur no coletivo, ela tornou-se um tema central da quarentena.

Nesse Açúcar, Arthur, com o “prato” e a garrafa, ampliou a rede do Rés com Urucum do B:

Silvana Eduvirgens, Natália Parlagreco e Anderson, alunos seus no Grupo em Poéticas Visuais que vieram de Macapá para o Rio, e protagonizaram acontecimentos como: Rés-Nascimento – no qual todo o povo do Rés ficou nu (21/11); a Visita de Brian Holmes e Suely Rolnik, (28/11); Rés-To: PORO, Urucum, Empreza, CDM, Laranjas, Gia; (30/11); e a memorável “decapitação de Sofia”, a galinha. Arthur transborda ainda mais o evento agenciando para que o texto que eu apresentei na New York University, em 8/12/2003, fosse publicado por Giseli Vasconcelos e Ricardo Rosas no livro *net_cultura 1.0: Digitofagia* (2006).

Complicado descrever detalhadamente a dinâmica do Galpão da EBA, mas pode-se afirmar que alguns professores do PPGAV dificilmente esquecerão de Arthur – manhãs maravilhosamente explosivas naquele espaço. Cabe destacar que o que fazíamos aqui fora reverberava lá dentro, criando um certo clima de tensão no ambiente do curso, que muito nos interessava enquanto grupo assumidamente de pressão. Foi o caso da performance da Márcia X (Lavou a Alma com Coca-Cola: Grande Orlândia, 2003). O nosso povo estava todo lá,... Arthur chegou e tirou uma lata de dentro de sua bolsa, um sinalizador de fumaça (tipo essas bombas de fumaça que soltam em partidas de futebol), em seguida depositou ela no chão, num cantinho da parede dentro do local onde acontecia a performance. Todos se assustaram. “vi aquela fumaça laranja (um laranja intenso, lindíssimo) vindo lá de dentro”. Caos total! Terroristas acabaram com o evento! O fato é que na aula na semana seguinte, todos olhavam para Giodani como se fosse ele o “autor”. Que não disse que sim e nem que não. Um belo dia, lá na EBA, em meio a essa polêmica que já se desenrolava fazia mais de um mês, Arthur se levantou e deu um berro de trovão: FUI EU PORRA!

Em Macapá, fevereiro de 2004. Rés do Chão, Grupo Urucum, Grupo empresa e o Grupo de Pesquisa em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá misturamos-nos na vivência: Açúcar Invertido III: résquiNÓScio. Na Unifap, o evento montava-se-e-desmontava-se diariamente. Uma imersão com o brega, com a comida, com a natureza e com nossas diferenças. Conversas informais, banho no Curiaú, visita à comunidade de Jesus de Nazaré, o desfile do Parangolata, encontros e trabalhos realizados nas salas de aula e no hall da Universidade. Num desses encontros, Arthur me irritou tanto que dei uma “encracada” nele, e fiquei com muita raiva da situação e fui remoer na casa do Urucum. Ele me conhecendo e vendo a eminência de um corte de relações, entra em casa logo anunciando: Foi performance!

Perdoado pela performance e condenado pela performance! Açúcar Invertido MalandraGens, em Metz, Ano do Brasil na França, a rede do rés armada na vitrine da Galeria Faux Mouvement entre instalações multimídias, sopas, rodas de conversas, e performances de rua, estava Arthur, veio de Avignon e passou dias conosco na vitrine da galeria, como o descreve Manesky: selvagem, convicto, militante, conflituoso, afetuoso, divertido, amigo quando precisávamos. É importante dizer que neste açúcar o seu conflito de doutorado integra a quarentena. Durante essa quarentena, Arthur tava fazendo uma bolsa sanduíche do doutorado em Avignon. O jeitão que tanto encantou o Rio, não funcionou muito na França, em que sua forma de agir acima do tom criou uma atmosfera de agressividade, ao mesmo tempo, o que o percebiam como mimado. Desestabilizado e sozinho, ele repetia: “saudades do rés do chão”, “saudades do rés-to”.

Dentro da programação da quarentena, Marcelo Cucco fez a ocupação “Não Lugar” no Rio de Ja-

neiro. Pois é, com essa história de aparecer e desaparecer sem deixar vestígios, como sempre fazia. Ele saiu da França sem avisar ninguém e apareceu, de repente, no Largo da Carioca, com a galera, fazendo ocupação. Foi do aeroporto direto para o Largo e de lá, começou a fotografar e a postar na internet. E o pessoal não entendendo nada! todo mundo pensando que ele estava na França e, do nada, ele aparece no Largo da Carioca: Arthur, mas vc não tava na França o q é q vc ta fazendo aqui no Brasil? “*Anywhere is my Land*” É importante lembrar a admiração que ele tinha por este trabalho do Antonio Dias. Com esta performance ele fecha sua “aventura de doutorado” e sua consequência implica na expulsão dele da Eba e seu retorno a Macapá.

Nunca foram tão felizes! Ele trazia a fantasmagoria do sorriso familiar como uma tragédia anunciada. Como oráculo de si próprio. No doutorado, ele era adorado e as suas ações eram consideradas genias, mas depois, tornou-se mais um nome a ser banido do circuito. Em 2005, logo após sua estadia na França, tinha acabado de ser expulso da Eba e retornava a Belém, e o terreiro de Mametu foi a família-suporte nesse seu retorno. É no terreiro, que ele vai encontrar acolhida e recarregar as baterias para (re)agir. Arte-rito-rua/güera, foi um evento articulado com professores da PUC-Rio e Uerj como tentativa de fortalecimento para Arthur: Ricardo Basbaum, Cecilia Cotrim, Roberto Conduru, Masao Kamita, Laura Lima, Marcos Martins, LeoM e outros artistas. Porém, não havia alunos. os “precários para caminhar juntos”, não aparecem. Quando Arthur fracassa, tanto em Avignon, como em Belém, faltou o ajuntamento verdadeiro, faltou o que viria em seguida Etetuba. Em tupi etetuba significa *verdadeiro ajuntamento* através da junção dos termos *eté* (verdadeiro) + “tuba”, oriundo do termo tupi

tyba (ajuntamento)¹⁰. E é isso, ele se re-faz em imã, uma força agupadora.

No Rés, dizia: “nós brigávamos, nos odiávamos, nos reconciliávamos e nos amávamos com uma intensidade que não consigo perceber em outras experiências. E essa era a nossa diferença e o nosso ganho.¹¹ Arthur volta pra Macapá, e depois Belém, mas leva o Rés com ele. Traficava Nós, levava a revista para todo mundo ver e as achava primorosas. Levava Nós para LeoM e para o norte, ficava com revistas de Cecília. E nossa cumplicidade nunca se esgotou com o seu distanciamento. Nunca perdemos o contato. Latia pra mim no zap quando estava com saudades. Me mandava as ‘coisas’ e depois ligava perguntado porque eu não comentei, ou zoando de um comentário feito. Adorava zoar, prática de torcedor fanático pelo Remo Futebol Clube e da Embaixada de Samba Império Pedreirense:). Tentava de todas as maneiras me chocar, como aquela foto nu em cima de uma mesa com uma maçã na boca. Mas de mim e de Arthur, tudo se pode esperar. **Eu também minto!** meu fã numero único. Nunca deixou de chamar de cão. Incorporou o Rés como um parangolé vivencial, pura arte no espaço da vida. “Trago comigo essa prática reflexiva constante, e (não quero chamar de diretrizes) **a horizontalidade** e solidariedade da produção intelectual e artística que praticávamos no Rés. Trouxe essa experiência pro Grupo Urucum em Macapá e depois para rede[Aparelho]-: em Belém.”¹²

Foi ser outro em outro lugar. Virou Etetuba. Construtor de pontes, verdadeiro ajuntamento. Etetuba era o desejo de movimentar-se coletivamente, agenciando ajuntamentos de vulnerabilidades. Forjou-se no seu percurso priorizando ações socialmente mais penetrantes. Ilhado, depois ele se envolve com Giseli e um povo mais ligado à cultura digital e forma-se em [Aparelho] -: e a ênfase

na rua é potencializada com o desenvolvimento de cineclubes na Feira do Açaí e programas de rádios livres no mercado Ver-o-Peso e outros lugares. Interessava ao [Aparelho]-: fazer trabalhos vivos que refletissem os problemas do momento, no máximo os da semana passada, questões importantes para a sociedade em que vivemos. Um desses trabalhos, a rádio-novela Jogos de Palavras (2006), resultou num processo administrativo na Ufpa. Certo dia, Arthur chegou molhado da chuva, para dar aula e tirou a camisa na classe, somado ao fato de se fumar baseado e alunos em performance também tirarem a roupa na sala de aula, uma aluna moveu um processo que o afastou do contato com os alunos. Totalmente no escanteio na UFPA, foi acolhido por professora Zélia Amador de Deus no Grupo de Estudos Afro-Amazônicos e lá desenvolveu um trabalho que mesmo incompleto, evidencia resultados memoráveis. Com Zélia, desenvolveu os Projetos de Extensão : Valorização do Patrimônio Artístico e Cultural Afro-Amazônicos e Preservação do Patrimônio Cultural da Matriz Africana. Um espaço construído lentamente pela importante atuação de Arthur na luta contra o racismo e em favor da valorização da cultura negra e da religião de matriz africana. Valeu Tata Kinamboji! De Belém entre rede [Aparelho]-: e terreiro de Mametu e o Grupo de Estudos Afro-Amazônicos, recebíamos notícias de “Criados-Mudos / nascidos na ditadura”¹³, proposta que circulou na internet para imprimir e colar em lugares públicos fotos de pessoas que nasceram no período da ditadura e sentiram o emudecimento ideológico. Em E-mail de 23 de março de 2009, a artista Lucimar Bello, me enviou duas fotos para a proposta e escreveu: “A tenho na pele e nas entranhas e não quero para ninguém e nunca nunca nunca... “. Também ficamos sabendo de Sangria Desatada (2009), demarcação com mancha vermelha de locais usados pela

ditadura militar para a prática da tortura em Belém do Pará. E entre tantas ações, a linda situação escultórica criada na mata do terreiro de Mametu: Na Mata Tem Morador.

A rede Coro, da qual foi um dos administradores, não é tão significativa, pois ele nunca citou essa experiência comum de vários anos. Era algo que ele fazia pelo exercício de colaboração e pela formação de redes, mas sem afetação. Das diferentes experiências coletivas, sua conexão experiencial de afetividade é FotoAtiva > Rés do Chão > Urucum > Terreiro de Mametu > Rede [Aparelho] -: > Grupo de Estudos Afro-Amazônicos > Rádio Exu.

Ir pra rua é uma virada. Há um redirecionamento, quando se enuncia que a vida sera transformada em um palco de performances. A vida como performance! Dizíamos no Rés: diluir a arte na vida e encenar uma Grande Performance no palco do mundo. Arthur talvez foi o que mais radicalizou na transformação do mundo num grande palco para suas performances. Artista em-Ato. Era isso que estávamos trabalhando e que a sua morte revela como “operação do rés”. O conceito de corpo disponível que se desdobra e se dilui em várias ações das parcerias, era de certa forma um corpo-rés, que assumia todas as posições do espaço e do acontecimento. tão bem revelado por Tato Teixeira no AI2, e trabalhado conceitualmente na sua dissertação de mestrado. Era só chamar que lá estava Arthur fazendo parte do evento. E de tantos trabalhos que eram declarações, proposições, negociações, e que dependiam da disponibilidade do outro. Ele mesmo reconhece que influenciou e foi influenciado pelo Rés “reconstrução constante de mim e do nós, vida a deriva”. Conceito situacionista, a deriva compunha a nossa base teórica naquele momento. Sua trajetória se construiu entre Macapá, Rio de Janeiro, Avignon, Metz, Belém,

Recife. Era um artista mambembe que produzia no fluxo dos acontecimentos, como ele se auto-declarava no rodapé de seus e-mails. Bourriaud sugere que a produção desse tipo de artista se mostra por traços e vestígios que são índices desse deslocamento. Os diversos suportes que usava: fotografia, vídeo, instalação, intervenção urbana, artevismo e ativismo político, compõem essa multi-atividade de Tuba que confirma que da para fazer por fora e se realizar no persurso. Que é possível ser um artista mais interessante para a vida. Um artista mais maquinico socialmente e menos submisso aos enunciados do circuito fechado da arte. Que é possível ser artista com lugar de fala e uma produção prazerosa, que faz sentido para si e para o mundo.

Na primeira metade dos anos 90, Arthur participou do FotoAtiva, coletivo que surgiu em Belém do Pará em 1984 capitaneado por Miguel Chikaoka e que priorizava a reflexão e o aprendizado de formas não convencionais, em detrimento do domínio da técnica, consequência natural do processo. O FotoAtiva tinha como objetivo básico “criar situações” para o questionamento e o debate sobre o papel daqueles que trabalham com a imagem. Os projetos eram desenvolvidos coletivamente pelos alunos, simpatizantes e colaboradores (fotovaral, antografias)¹⁴. A trajetória “errática” de Arthur, segundo Rubens Fernandes Jr, nasceu do seu aprendizado completamente fora dos padrões mínimos ou de exigência técnica. Ele se interessou pela fotografia na faculdade de arquitetura, ao descobrir a existência de um laboratório, onde se tornou monitor e, como todo o material disponível estava vencido, fora de validade, costumava dizer que entrou para o mundo da fotografia pelas portas do refugio. Como não tinha outros parâmetros, começou a gostar dos efeitos e dos resultados obtidos.

Com esse repertório, iniciou suas atividades no FotoAtiva, que abriu novos caminhos para a sua “performática atividade na fotografia”.

A atividade performática na fotografia se estende para toda sua atuação. Artista in-Ato, Arthur transforma o mundo num grande palco de suas performances. Ele era pop, e a sua presença era em si um evento. Dele, de Socorro, de Larissa de Alcer. Sabíamos de cor o nome dos irmão e mãe dele. sempre estiloso e cheirando ao Pará, se achava a pessoa mais linda do mundo com suas camisas floridas ou de crochê feitas por Maria do Socorro, a Louca. Como nos lembrou Ângela Freiberg em nossas conversas, segundo Judith Butler, o ato performático pode ser uma forma de conhecimento e assim exercita um poder. Ai, Arthur tem o discurso, o argumento como algo mais: Então, meu foco é por mudança de mentalidade, - quando Beuys diz que, quando o homem quer mudar as suas condições de vida, começa pela cultura e depois muda o resto. Então, mudar cultura é bem mais amplo do que o “estético do artístico”. Artista in-ato, que se forja no cotidiano, criando situações com o poder de causar uma mudança de consciência.

Na Nós Contemporâneos / Contrapensamento Selvagem, encontramos uma página coma foto 2x2 de Arthur numa rede, e um verbete logo abaixo, datado de 25 de agosto de 2011 21:33: A ética clássica ocidental apoia-se na constatação de que o ato humano não se esgota no momento em que a ação foi praticada; projeta-se, criando na alma, uma intenção, uma pré-disposição (um güera) para o vício ou a virtude. Precisamente este é um dos sentidos do güera: o hábito, a disposição para praticar novos atos no sentido dos anteriores. A composição com-güera é frequentíssima no tupi e está continuamente a recordar-nos algo que já não é mais natural. Age como uma conexão entre espaços (temporais, culturais, econômicas) distin-

tos, e faz nos compreender que as ações tem consequências: projetam-se, deixam um rastro, um güera. // E como a língua é forma de resistência, usa-la para subverter o estado em que as coisas se encontram....Na arte-güera, ou simplesmente como güera, nossa prática adquire conteúdo social, um cosmos cultural a ser reinventado.

Quando comenta-se que “abandonou a arte pela militância”, soa quase como um xingamento, uma reprovação por um desvio não permitido, tipo pecado. Mas, já no Atrocidades Maravilhosas percebemos essa postura militante-diluida de Arthur. Apesar dele ter, como os outros, um trabalho distribuído pela cidade. De noite, o seu gurgel se abarrotava de baldes de grude, vassouras e deu suporte a todos os participantes para colar cartazes pelas madrugadas do Rio de Janeiro. Em fato, ele nunca deixou de fotografar; ele fotografou a respiração do Rés da mesma forma que ele registrou o candoblé e a família, porém essa produção não se dirigia mais ao circuito da fotografia como “Salve Que Tem Fé” por exemplo. Arthur nunca disse que abandonou a arte e sim que deixou de ser um artista individualista. Ou seja, fez uma opção ética e estética pela produção comum. Focou no trabalho coletivo. **Gostei, meu N° ! :)** Com seu « corpicho » em desempenho, dispositivo que o permitiu transformar a vida num palco para incorporar suas performances desclassificadas. Gu-losa, queria comer tudo&todos. O “n°” dele se encontrava em todo canto e ficava molhadinho com qualquer cantada imaginária. Dissimulado, quando ele me falava que as taxas de sangue estavam descontroladas e eu perguntava o que o médico dele achava do pó que cheirava? me respondia: “não me perguntou, também não falei.”.

Lídeo! A selfie é o seu reencontro com a fotografia no mais feliz dos suportes, as redes sociais. Sempre conectado, transbordava nossas caixas de

mensagens, twitter, Instagram, facebook. Publicava nossos afetos. E criou, com isso, mais um grande problema para a ideia de um Espólio Arthur Leandro. Afetos publicados afetivamente não podem ser apropriados como valor mercadológico. faz-se necessária a autorização para publicação dessas imagens em que muita gente foi capturada em momentos de descontração total, e hoje, possui um outro *status* e administra a imagem em função de uma reputação idealizada. Esse material tem que ser decupado e autorizado pelos registrados, pois ninguém deu autorização prévia para o registro. Quando ele diz: “Duvido você me expor sem mim, podemos deduzir que também tentava complicar a venda de uma produção que se constrói no comum. E Arthur operou essa diluição de autoria de duas formas bem eficientes. Participando de diversos projetos propostos por outros e se apropriado de projetos já realizados. Mas, ele, rei dos interditos, criavas situações sempre complicadas para todos os envolvidos, ou como ele gostava de dizer comparando-se com a música : com uma nota acima. Até no axexê, ele criou uma confusão! Adoro!

Ele já vinha perseguindo o nível do solo literalmente em alguns trabalhos de fotografia, “Não” é o reflexo na parede da palavra escrita no espelho levemente inclinado no solo. “N’Aruanda só se pisa devagar”, trabalho de conclusão de mestrado, construiu um penetrável de madeira com uma reservatório de água, na qual era projetada uma imagem, não lembro se em movimento. Em “Esfera pública...”, ele dispõe dos lambe-lambes na rampa inclinada do Estádio Maracanã. Mas a horizontalidade também se maquina no nivelamento de posturas, na desierarquização, na inserção a mãe na produção como operações de desclassificação. A mãe, a irmã, a briga de família, o cu; o ronco, o peido... Maria do Socoro, a

Louca ! imprime-se na poética de Arthur desde o cedo, até os últimos relatos de sua vida. No tempo do FotoAtiva, quando a galera ia para a casa dele fazer projetos, ela cantava em espanhol para eles as músicas de Mercedes Sosa. No Ap. de Copacabana, projetamos dela cantar ópera dentro do meu guarda roupa, que não se viabilizou por desencontros de agenda. Como última ação pública, Arthur levou Maria do Socorro, a Louca para falar o que quisesse com os alunos dele. Atualmente, ela ativa a memória da presença performativa de Artur em sua Facebook-home.

Mesmo distante ele continuava aplicar as nossas operações. A vivência enquanto operação de horizontalidade, de fundação de uma zona de autonomia temporária. Ele assume a vivência como ação e isso ele deriava do Rés, pois não conhecemos isso na sua produção antes do Açúcar Invertido. Mesmo disperso, ele enfatizou nossas operações como ferramentas prática da ação: a vivência como dispositivo, o desvio para a rua, a horizontalidade. Brfree/Parangolata, são 2 movimentos que sinalizar a rua como lugar quente em oposição a frieza das paredes brancas do cubo branco. Eventos desviantes que antecedem as operações do Arte? Parei! Narro: Arthur, como eu no Brfree, foi convidado para o Arte Pará, e propôs ao curador, que fosse uma proposta coletiva. Ai, desviaram do local oficial do evento e foram para o ver-o-peso, e ninguém do Arte Para foi. Igual, igual. Arte Parei! a originalidade não era a questão, mas com o desvio reafirmar o chamamento para a rua. Isso é lindo!

Arthur dizia que se matou como artista individualista quando participou no Rumos Visuais do Itau Cultural. ou seja, é uma recusa crítica a gadificação do artista pelo circuito através de uma inserção massiva. Quando ele percebe que “Nunca fomos tao felizes!” que era a história da briga dele

de família, trabalhos que para ele tinham forte carga emocional, e que na casa do outros servia de decoração, que surgiu a necessidade de pensar estratégias em que o contexto não pudesse ser seprado da obra, Nada de deixar a arte pelo ativismo, ele fez uma opção em favor da atuação comum, para isso, assume uma persona e através dela atua livremente atravessando as categorias de arte-etc. Arthur sempre foi militante, desde o Movimento Estudantil, porém essas duas atividades não confluiam como processo único. A vida dele no Rio estimula pensar sobre sua produção e transforma a produção seguinte. É a partir da defesa de mestrado que vai enfatizar o ativismo como arte. Transição turbulenta mas totalmente compreensível essa atração de Arthur pelo chamado à “dissolução da arte na vida”. Para quem participou no Movimento Estudantil e vem de uma formação no FotoAtiva que privilegiava o processo de autoformação comunitária. A identificação com a pulsação e a horizontalidade como operações vitais, é imediata.

“Não se trata mais de integrar a arte na vida e sim dissolver o artista na sociedade. Artista in-Atto, que se produz no cotidiano, nas trocas com a vida, dispensando o olho treinado, estruturado e legislador.”¹⁵ Individualmente pouco importávamos a qualidade das propostas, mas o conjunto informe significativo dessas ações e o alcance territorial dessa distribuição. O “eu” sai da representação da fotografia e vai para a Ação. O devém assunto e média da arte. Assim como Gilbert e George se autodeclararam escultura viva, Arthur também se tornou escultura pelo comportamento performático que incorporou e também pela fala com dimensão agente e ativa. Artur era cênico. De tranças, cabelo raspado, continhas nos cabelos, sempre tava apresentado um novo visual. Espectacularizava tudo nele, as brigas viravam objeto

de exposição, as mutilações também. Do hospital ficava nos enviando e-mails coletivos das feridas e curativos. Corpo em performance em todos os sentidos ! inclusive no repouso produzindo sonoros peidos para todo mundo ouvir. Grande , volumoso, voz empostada, colorido, ornamentado, looks e gestos teatrais, Performaticamente repetia bordões que devinham característicos dele: Não sou cristão! / Bate ! Bate, que eu gosto /. Era um espetáculo ambulante e sabia explorar essa potência corporal. Pense uma pessoa daquele tamanho coreografando Wanderléia com os braços “Por favor ! Pare agora! Seu juiz. Pare agora!” A atividade política forte, na sociedade, filia-lhe a linhagem de artistas ativistas como Joseph Beuys e Robert Filliou. Pensar e agir é plástico! Oriundo do movimento estudantil, devém artista engajado e depois milita no movimento negro, afro religioso e minorias de uma forma geral – ou seja, criou estratégias para uma militância em direitos humanos. Não é uma arte do divertimento, do espetáculo, mas uma arte que questiona, que produz distúrbios, irrita, etc... como por exemplo, as performance de Jack Smith ou David Wojnaoricz. Arte como questionamento, como inconformação. Há uma fuga queer na “produção de incômodos” do trabalho de Arthur. São desconfortos necessários para viabilizar a vida fora dos seus termos.

No Rés, não fazíamos eventos esteticamente desclassificáveis, reivindicávamos politicamente essa horizontalidade pela negação da seleção, considerada por nós como não inclusiva. No Rés, celebrávamos a arte como a mais imediata de todas as experiências, a significação sendo produzida ativamente. Algo que depende da situação, e não de estilo, conteúdo, mensagem ou Escola. Celebrávamos uma prática de liberação do nosso poder e de transformação de nossas vidas através do que criávamos espontaneamente e des-

preocupados com resultados. Queríamos porificar o sistema da arte, sugerir uma outra pegada mais inclusiva.

É no Rés que emerge o conceito de hidrossolidariedade e que leva consigo para o [Aparelho]-, mas a solidariedade como definidora das escolhas dele vem desde o FotoAtiva, que era um coletivo solidário em que as pessoas se ajudavam, discutiam o trabalho, montavam junto exposições. Entrei no Fotoativa com essa vontade de perceber o meio artístico ligado ao movimento fotográfico e ver que tipo de discussão se tinha ali. O FotoAtiva pra mim é importante nesse sentido, o contato com as pessoas, e ver também a diversidade de projetos que se reuniam junto de um mesmo nome. O que o atraía no Urucum era a proximidade com a prática solidária do FotoAtiva. “No urucum todos reclamam solidariedade, pois se reuniam em um espaço, cada um com seu trabalho, expondo junto, negociando vendas juntos, muito próximo do FotoAtiva”.

Mesmo morando em Belém, continuava Urucum em Macapá e Rés no Rio, trabalhava em rede, on-line. No Rés a rede sempre foi protagonista, resolvíamos projetos e discussões em rede, coletivamente. Nos açúcares a rede nos conectava por todo o mundo. E trabalhamos a vivência como performance on-line, «rés do chão on-live” no Festival de Performance Arte Brasil (2011), Performídia (2009) e Cozinha (2012). Em Belém ao mesmo tempo que atua no [Aparelho]-, focou no terreiro de Mametu como território de ação, e profundo conhecedor dos caminhos de editais de financiamentos, viabilizou o terreiro em Ponto de Cultura e construiu um organismo de empoderamento e visibilidade da cultura de matriz africana. Desenvolveu Salões de Arte de terreiro, e como enfatiza, Judith Butler, quando tentamos, em termos concretos, o que significa nos comprometermos com a preservação

da vida do outro, somos invariavelmente confrontados com as condições corporais da vida, e portanto, com um compromisso não apenas com a persistência corpórea do outro, mas com todas as condições ambientais que tornam a vida possível.¹⁶

O produto do Rés acontece no mundo. O nosso entender não faria sentido nenhuma representação simples da realidade, da história, da política e da sociedade, pois tratava-se de uma genuína experiência existencial, de um exercício de filosofia-prática. O direcionamento do Rés era a instituição de arte. Queríamos fazer furos na estruturas enrigecidas das instituições, sugerir uma outra política mais inclusiva. O resultado foi um serviço de apagamento, e hoje nos deparamos com antologias com referências dissimuladas tipo “nun apartamento em copacabana”, ou, “uma revista exposta no Itau Cultural que tinha um texto da Clarissa Diniz”. Fala séri !.. é mais honesto quando se informa que este apartamento é onde o Rés do Chão se maquinou e a revista é a histórica Nós Contemporâneos.

Não tinha ranços acadêmicos, porém Arthur realmente acreditava em uma “visualidade” identitária. Tanto da amazônia, como da cultura de matriz africana. E por isso, ele fazia eventos de empoderamento, de orgulho, de visibilidade, mesmo que de baixíssima ressonância para o circuito “oficial” das artes. A sua forte e insistente afirmação no/do local, suplantava, às vezes, interpretações diferenciadas. Tanto que em muitos trabalhos tornam-se mais interessantes quando recebem interpretações que transbordam a grade localista, as vezes, bairrista, que ele dava aos trabalhos, que, eram apropriações de trabalhos realizados em outras circunstâncias e não cabiam no discurso localista. Por exemplo, o Concerto de Roque-Roque que o Urucum fez em Kassel, poderia ser somente uma experiência sonora em forma de concerto com um

instrumento dado como dispositivo para a performance. Mas ele vai insistir num discurso de translação da feira maluca de Macapa para o grande museu. Sempre uma afirmação do local; e o roque-roque torna-se referência que nada significa para o público europeu além do estranhamento desse contato. Implicava também com o sul-sudeste brasileiro e a Europa. E isso de forma muito consciente de que a afirmação amazonense era um constante defazer-se a pó como as motosserras do Urucum nas toras de assacu.

Artista seguro que não precisava pedir aprovações ao circuito com exposições anuais. Sempre tomou partido, declarou seu voto e fazia campanha. Ele se concebia como um intelectual ativo, que interfere na construção do debate social. Me traiu mais de mil vezes porém nunca me negou. É um artista comportamental, os entrevistos de Arthur são também performance, são práticas de atizações de questões éticas ampliadas por e-mails coletivos, cuja quantidade ele sabia de cor. Em 2006, todo o circuito acompanhou os imensos e-mails coletivos com documentos e discussões da querela com os Jogos de Palavras que tantos envolveram nesse processo da UFPA. Bem como acompanhamos uma outra querela dele com Ana Mae Barbosa por causa do rodapé do e-mail de Arthur, que tinha o seguinte texto acompanhado da conta no Banco do Brasil e CPF do mesmo: Artistas mambembes apresentam seu trabalho em espaços públicos, e depois “passam o chapéu” pedindo contribuições espontâneas, eu mostro o que faço nos links abaixo, sou um mambembe cibernético, portanto peço que financiem as ações de Etétuba, e depositem a quantia que considerarem justa, ou a possível, na conta: xxxxx.

Em Cozinha, evento no Mac-Olinda, de 20 a 24 de Novembro 2012, na Semana de Consciência Negra, Bcúbico juntamente com Mãe Beth de

Oxum, Mãe Lúcia de Oyà e Ricardo Ruiz, organizamos um laboratório vivo de conversas paralelas e eventos simultâneos em arte contemporânea, tecnologias e culturas livres, que ele denominou “comilança”, e propôs uma etnografia da manigoba. O terreiro estava num processo de iniciação e por isso ele não teria como envolver diretamente a comunidade, a maioria estaria em ritual. Mаметu Nangetu disse para ele resolver e falar em nome de todos. Memória oletiva de uma comida afro-amazônica. Veio falar da experiência dele que não se diferencia muito da experiência de todos no terreiro – para ele, o ponto central da fala era: o envolvimento coletivo na construção do gosto comum. Contando de memória quando a família resolvia cozinhar maniva na década de 70...a festa da comida coletiva...

Ele saiu de Belém, dia 22/11/2012, trouxe a manigoba na bagagem para o almoço de quinta, e tinha que estar em Campina Grande na manhã de sexta 23. Mas ele recebeu um e-mail dizendo para estar em Campina Grande na 5ª mesmo, então, ele trouxe a maniva pré-cozida e um monte de remédios, e resolveu voltar para o Recife no mesmo dia a noite. Articulou com Bruno Vieira de pegar parte da bagagem dele no aeroporto, isso para ele viajar para Campina Grande com o estritamente necessário. Pediu uma rede para dormir a noite de 5ª, cozinhar na 6ª conosco e ir para João Pessoa no mesmo dia. A bagagem chegou antes depois ele chegou. E eu perguntei: porque viestes? E ele: “eu senti que era importante estar aqui.” Ele e eu sabíamos exatamente o peso que ele como pai de santo imprimia ao evento. A gente se “suportava”, se dava suporte assim, na cumplicidade solidária. Antes, em outra oportunidade eu o levei ao terreiro de Mãe Beth de Oxum, em Olinda.

Em 2013, Por ocasião da defesa de Bruna Suélen, eu estive em Ananadeua na noite de festa juni-

na. Gente da comunidade fantasiada, dançando e comendo e soltando fogos. Ele envolvido em uma grande família, Zezé, sogros, cunhados, neto. Conversamos sobre a potência do lugar em relação com o entorno e tantas outros assuntos como de costume. Sempre nos comunicamos. Mais tarde encontro-o por ocasião da realização do concurso na Ufpa. Fiquei na casa dele em Belém, com Maria do Socorro, a Louca e Alcer. Ele me recebeu e foi pra Brasília e depois voltou. Nesse encontro ele me contou que deixou o Terreiro de Mametu porque discordou de atitudes transfóbicas na mesmo ambiente em ele convivia e que tirou todas as suas coisas do terreiro e foi embora, “_E ai Arthur? _Sou um pai de santo sem terreiro.” Toda a bagagem adquirida, ele investiu na Rádio Exu. Transmitida pela web, a emissora tinha populações negras como protagonistas de suas produções e carregava o nome de um dos orixás mais demonizados pelas religiões cristãs. Performativamente, a rádio nasce de uma reAção aos crimes de racismo e intolerância religiosa : “Saiu no programa do Ratinho uma matéria sobre os terreiros de Belém, dizendo que nós violávamos túmulos, criminalizando as práticas tradicionais de matriz africana”. Diante da repercussão e da violência sofrida, surgiu a ideia do nome da rádio. Seguindo-o na cadeiras de rodas pela rua, eu perguntei: E ai Arthur? Ele olhou pra mim com aquela cara, e disse: “Cão, queres saber de uma coisa? Vou te dizer: não me arrependo de Nada!” E continuamos caminhando em direção ao supermercado comprar 4 litros de coca-cola para ir ver a exposição do Luiz Braga. Também, estive festa de lançamento da Rádio Exu, em uma casa QG de um deputado do Psol, no bairro de Nazaré. Começou pela manhã, era uma sorte de quermesse com bode guizado de Mametu, anéis de crochê com mucunã feitos por Maria do Socorro, a Louca, pés de pitanga, sucos, desenhos. E muita conversa ca-

pitaneada por Tata Kinamboji no microfone, que pedia depoimento de todo mundo. E muita indignação pelos assassinatos de pais de santos e dereispeitos às tradições de matriz africana. Um trabalho importante de suporte na luta do povo de matriz africana na amazônia. Essa iniciativa culmina com o Festival de Música de Matriz Africana.

Tuba estava cheio de projetos e perspectivas. conseguiu autorização para dirigir e passou no doutorado. A nossa última parceria seria a entrevista por skipe com o grupo empreZa para a Revista Concinnitas. A entrevista foi dedicada a ele. E agora tentado falar daquele que mais tentou me traduzir como valor no quadro da cultura brasileira. Em 2016 nos indicamos mutuamente à Ordemdo Mérito Cultural. Dizia: “Coisa, a gente tem que fazer o AI5 como proposta de exercício de horizontalidade, liberdade e criação. Então... mudamos de regime, está aí o AI5 de Temer, uma “força-tarefa de inteligência” construída por membros de ógãos de segurança federias. Vivemos um momento apreensivo, de incertezas e uma grave ameaço de suspensão de nossa civilidade e a instauração de estado terrível de viver. O AI5 como Açúcar Invertido, como invertase desqualificadora de vontades autoritárias, talvez fosse a nossa missão do momento mais incisiva. Faltam as motosserras, os fumígenos, faltam a prontidão para o combate e a amizade, tão necessárias ao MelDiário. Um tanto do que está neste texto, foi extraído do livro arTTrainee que publiquei e que não deu tempo dele ver, mas vaidoso de nós como ele era, iria achar líndeo !. Desapareceu por dizer a Maria do Socorro, a Louca, a impressão dos alunos sobre a fala dela em sua última aula. “Ficaram as canções / E você não ficou ... É tão difícil! / Olhar o mundo e ver / O que ainda existe / Pois sem você / Meu mundo é diferente / Minha alegria é triste...”.¹⁷

NOTAS

1 Quando Chegar o Amanhã, Leonardo Sullivan - <https://youtu.be/Bt9pmF7k2JO>

2 Em 04/07/1998

3 Conceito de Georges Bataille, em texto da exposição de mesmo título de Rosalind Krauss e Yves-Alain Bois.

4 Roteiro e direção: Arthur Leandro / Fotografia: Edson Barrus / Edição e som: Arthur Leandro, Claudia Leão e Edson Barrus. Elenco: Claudia Leão. Fimografia do diretor: "Domingo"; "Barra Pesada", "O estranho é o objeto..."; "Aquém do Eu – Além do Outro".

5 Com penicos, roupas e óculos protetores, os urucuns fizeram uma vigília noturna catando as fezes das aves migratórias que usam as cidades como dormitórios que caiam do céu e dos fios de luz

6 Bordado feito pelos urucuns no monumento que demarca a Linha do Equador

7 Acrescento a existencia da video-performance: 7 de Janeiro, Aparelho-:, Belém. 07/01/2007, aniversario da cabanagem, 3'45''

8 Conceito situacionista que faz parte da nossa base teorica no inicio dos 2000, via edições Baderna

9 Magno – Amor, Amor – <https://youtu.be/Q962hLLqUDk>

10 Wikipédia, acesso em 1/11/2018.

11 LEANDRO, A. Questionário arTTrainee. Encarte arTTrainee 8.

12 LEANDRO, Arthur. Em e-mail de 29/10/2015. resposta ao Questionário. Cf :arTTrainee 8

13 <http://criados-mudos.blogspot.com> e em <http://aparelho.comumlab.org/archives/tag/criados-mudos>

14 PALHARES, Rubens; Fotografia Contemporânea Paraense: Panorama 80/90, SECULT, Pará, 2002.

15 Nós Contemporâneos, nº9

16 Corpos em aliança, vida precaria e a ética da convivência (2018)

17 *As Canções que você fez pra mim*, <https://youtu.be/tdjY18DnrWMt>